

#### 4- “Qual o problema de ser um escravo?”: construção social da realidade, recepção e produção de bens culturais no contexto contemporâneo

What’s “real” ?  
How do you define “real”?  
If you’re talking about what you can feel, what you can smell, taste and see.  
Then “real” is simply electrical signals interpreted by your brain.<sup>1</sup>  
Morpheus - personagem do filme Matrix

Numa breve observação da vida de uma cidade latino-americana, como o Rio de Janeiro do início do século XXI, não é muito difícil perceber que estamos inseridos em complexas redes de ações políticas, culturais, econômicas e sociais que impossibilitam qualquer tentativa de encarar essa realidade, ou melhor, essas realidades de forma única e homogênea. Vivemos incontestavelmente numa sociedade complexa, na qual transitamos por várias províncias de significado e suas configurações de realidades. A velocidade dos discursos, das ações, no plano da vida social, e das transições entre essas esferas, nos faz sentir numa espécie de vídeo-clipe, no qual a sociedade se apresenta fragmentada pela justaposição de imagens, sons, e práticas.

Por outro lado, não temos também muita dificuldade de reconhecer a existência, de processos que tentam ordenar e reduzir essas múltiplas realidades, a um modelo que se auto-define como a realidade por excelência. Tal processo se manifesta de forma mais intensa na vida cotidiana onde, devido às necessidades de sobrevivência, somos conduzidos a agir nas fronteiras desse tipo de realidade, considerando-a mais relevante e descartando como, por exemplo, as realidades criadas pelas artes ou pela religião. Assim, percebemos que as imposições financeiras que sentimos diariamente na forma de cobrança de contas, gastos com

---

<sup>1</sup> O que é o real? Como você define o real? Se você está falando do que sente, do que pode se cheirar, prova ou ver, Então o “real” é simplesmente sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro.

moradia, alimentação e saúde, nos distanciam do ato de refletir sobre os fundamentos e valores de nossa sociedade. Ou seja, através da imposição da vida cotidiana, vivemos dentro dos limites de uma ordenação social, na qual fazemos o papel que devemos desempenhar para sobreviver ou, como muitos acreditam, para conseguir o sucesso e fugir do fracasso.

O ordenamento da vida social, de que estamos tratando, segue muitos princípios da política neoliberal. Neste sentido, vivemos rodeados de discursos que desvalorizam o papel do Estado, que defendem a privatização de empresas estatais e, ao mesmo tempo, supervalorizam os princípios de organização, competitividade, eficiência, que norteiam as ações das empresas privadas. Neste contexto, a realidade é encarada como uma arbitrariedade que não fornece espaço para ideologias, utopias e problematizações, ou seja, estamos vivendo a tentativa desenfreada de manter o paradigma do observador de primeira ordem, a quem só interessa o conhecimento objetivo do real.

Assim, segundo essa perspectiva, devemos ser “realistas” para sobreviver, ou seja, fazer dinheiro para consumir mais e mais. Constantemente, quando ensaiamos qualquer reação a essa imposição, somos reprimidos por clichês do tipo: “isso na teoria é muito bonito, mas na prática é muito diferente”. Não podemos sair da constante vigilância da vida prática, em nome de qualquer tipo de questionamento desta, se não seremos considerados loucos, sonhadores e principalmente fracassados.

No que se refere à sociedade brasileira, estamos lidando contra a permanência dos esforços de muitos governos, desde a ditadura militar, de impor um modelo de sociedade capitalista e disciplinada. Sendo assim, o crescimento da expansão do poder dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, consiste num outro elemento desta ação sistêmica. Entretanto, hoje não é mais preciso estabelecer o domínio a partir de ditaduras disciplinadoras, mas sim, a partir da conexão eficiente entre grandes grupos empresariais junto a um Estado enfraquecido, conforme a cartilha neoliberal. Essa mudança corresponde justamente à passagem de um tipo de poder oriundo da disciplina para um outro, criado e mantido pelo controle, conforme nos diz Gilles Deleuze<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum sobre a sociedade de controle*. In: CONVERSACÕES. P. 219-226.

Sendo assim, considero que estamos presenciando uma tentativa de se apresentar um modelo de realidade, como a realidade por excelência, formando um controle que não precisa de tanques e soldados nas esquinas, como há trinta anos atrás. Tal controle é exercido por fabricantes de estilos de vida, profissionais que determinam qual o seu perfil de consumidor, da imposição de sermos glamorosos como as celebridades da mídia, dos comentários de economia que elogia a competitividade e agressividade dos empresários, e não comentam nada sobre as demissões em massa e inúmeras outras ações do tipo.

Devo lembrar, que a imposição desse modelo de realidade, acontece quando a sociedade brasileira aprofunda as suas desigualdades de distribuição de riquezas e prazeres, e o Estado abandona de fato o princípio do bem-estar social, conforme a política neo-liberal, que predominou no país entre os governos Fernando de Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. Ao mesmo tempo, observa-se que o consumo e a busca pelo prazer, se tornam a cada ano mais imperativos, sendo que a maior parte da população, não tem acesso aos direitos básicos como moradia, educação básica e saúde. Tal quadro proporciona a explosão da violência que representa a luta a qualquer custo para se obter os produtos apresentados nas propagandas, nas ruas e shoppings. Isso se remete também à generalização do descaso com o espaço do outro, pois estamos vivendo o princípio de cada um por si, fazendo com que a corrupção seja um ato comum na vida política, envolvendo muitos seguimentos e correntes da política brasileira, em escândalos públicos. Enfim, a questão da alteridade nesse contexto, torna-se de grande importância para a escolha das ações que se devem estabelecer diante dos efeitos sociais, culturais e políticos da imposição dessa realidade cotidiana neoliberal.

A análise do caráter social da construção da realidade diária que Peter Berger e Thomas Luckmann<sup>3</sup>, teóricos da sociologia do conhecimento, realizam na obra *Construção social da realidade*, pode nos auxiliar nas reflexões que pretendemos seguir neste ensaio. Isso porque esse livro tem como objetivo produzir uma análise sociológica da vida diária, através da realidade que é acessível ao bom senso das pessoas consideradas comuns de uma sociedade.

---

<sup>3</sup> BERGER, Peter. LUCKMAN. *Construção Social da Realidade*.

Desta forma, a sociologia do conhecimento aborda a vida cotidiana que se apresenta como uma realidade interpretada pelas pessoas que subjetivamente estabelecem sentido, na medida em que formam um mundo coerente. Em outras palavras, a realidade é encarada aqui como um mundo, produzido pelo pensamento e pelas ações dos homens comuns. Sendo assim, os autores pretendem esclarecer as bases do conhecimento na vida cotidiana, ou seja, as objetivações e significações subjetivas, que constroem o mundo do senso comum.

Tal estudo da realidade cotidiana é iniciado com a concepção de que a nossa consciência é sempre intencional, pois esta tende para alguma coisa ou é direcionada por objetos. Os objetos, por sua vez, apresentam-se à consciência como constituintes de diferentes esferas da realidade. Em outros termos, temos a consciência de que o mundo é constituído de múltiplas realidades, por exemplo, percebemos a diferença entre pessoas e coisas com que lidamos no dia-a-dia, e pessoas, coisas e seres que aparecem em nossos sonhos. Além disso, quando passamos de uma realidade para outra, como no ato de acordar de um pesadelo, vivenciamos um choque derivado do deslocamento de esferas do real.

Entre as múltiplas realidades, a realidade da vida diária, se apresenta como sendo o mundo real por excelência. Neste tipo de realidade, a tensão da consciência chega no seu máximo, ou seja, na vida cotidiana, nossa consciência está em total estado de vigília ao ponto de ser impossível desprezar ou amenizar a sua presença. E também, é nesse estado de completa vigilância que se apreende a realidade diária.

Seguindo essa linha, apreendemos a realidade cotidiana na forma de uma realidade ordenada, pois esta, é formada por fenômenos que são distribuídos em padrões ou modelos que aparentam ser completamente independentes da apreensão que temos deles. Isso quer dizer que a realidade do dia-a-dia já se apresenta objetivada, ou seja, construída por uma determinada ordenação dos objetos, preestabelecida antes de nossa chegada a este mundo. Esta objetivação e ordenação, é fornecida continuamente pela linguagem, que também faz com que isso tudo, faça sentido para todos os membros desta realidade.

Além das objetivações e ordenações, a realidade diária, segundo essa análise, se apresenta como um mundo intersubjetivo, um mundo no qual compartilhamos com outros seres humanos. Não é possível existir na vida diária

sem a companhia constante de outras pessoas com as quais nos comunicamos. Na interação intersubjetiva, será contínua a correspondência entre significados produzidos por um indivíduo e significados produzidos pelos outros, inseridos num mundo cotidiano em comum. O funcionamento de tal correspondência nos permite entender que as atitudes e ações consideradas naturais, são as atitudes da consciência do senso comum dos indivíduos. Sendo assim, o conhecimento do senso comum é um tipo de conhecimento que compartilhamos com os outros nas rotinas que consideramos normais.

As outras realidades são consideradas apenas campos finitos de significação ou apenas enclaves nos limites do tipo de realidade, cujos significados e modos de experiência, são delimitados. A realidade dominante, que no nosso caso é a cotidiana, cerca as demais realidades por todos os lados, fazendo com que a consciência sempre retorne para seu estado de vigília, como se voltasse de uma excursão. Isto é exemplificado, quando saímos de nossos sonhos ou quando retornamos do mundo ficcional do teatro e da literatura.

A partir destes pontos apresentados por Peter L. Berger e Thomas Luckmann, lançamos a seguinte questão: como a transição entre realidade cotidiana e realidades alternativas, criadas pela literatura, teatro ou cinema e outras atividades lúdico-ficcionais, pode alterar processos de significação, objetivação e ordenação, impostos pela vida diária?

Para tentarmos responder de forma plausível essa questão, vamos unir dois pontos já abordados até aqui: a intersubjetividade na construção da realidade; a objetivação e ordenação da realidade através da transição entre realidades alternativas e realidade diária nos dias atuais. No inter cruzamento dessas duas partes dos argumentos expostos até aqui, formaremos um caminho interpretativo desdobrado em três movimentos.

O primeiro movimento consiste no exame dos processos de objetivação e ordenação do real, que pode ser representado com a metáfora do olhar entediado e familiarizado que é, simultaneamente, passivo, efêmero e classificatório. Tal olhar ou postura diante da realidade, age de acordo com as determinações, normas e regras de uma espécie de ditadura da realidade diária, presente na mídia contemporânea na forma de notícias, *reality shows*, revistas sobre a vida diária e íntima de celebridades, e outros produtos do gênero. Pode-se

dizer que esse olhar é compatível com o modelo do olhar do observador de primeira ordem, conforme foi apresentado anteriormente.

O segundo movimento é configurado pela tentativa de compreender o que ocorre quando ações intersubjetivas são deslocadas dos processos de construção e manutenção da realidade cotidiana, para as realidades alternativas produzidas pela literatura, teatro, cinema, a partir da transição de províncias de significado. Para exemplificar isso, apresentaremos processos de intersubjetividade construídos em práticas leitoras coletivas de textos e filmes, ocorridas entre dois grupos sociais. O primeiro, é um grupo de alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o segundo, um grupo de estudantes de um curso pré-vestibular comunitário.

No terceiro movimento procuro articular a idéia do *loop*, no qual o observador de segunda ordem, cria os processos de significação, desencadeando relações intersubjetivas em realidades alternativas, ou seja, mediações e práticas coletivas de recepção. Desta forma, trato da maneira como as transições coletivas entre realidades, podem produzir uma observação de segunda ordem em contraponto com o olhar ordenado pelas normas vigentes, destacando a dimensão social de tal ato.

#### 4.1 A ordenação do olhar e a ditadura da realidade cotidiana.

Como já mostramos anteriormente, a realidade cotidiana se apresenta objetivada, isto é, como se fosse completamente independente das apreensões que fazemos dela. O efeito de objetividade se produz, porque esta realidade é configurada por modelos e padrões ordenados constantemente pela linguagem. Além disso, a linguagem usada na vida cotidiana determina a ordem em que as objetivações adquirem sentido e permite que aquela ganhe significado para todos.

Desta forma, os processos de objetivação e significação do cotidiano, através de ações discursivas, é o que determina a ordenação social e distribuição de informações, de conhecimentos e entretenimento. Entretanto, para compreendermos o tipo de ordem com que estamos constantemente em conflito, é necessário transcender a dimensão intersubjetiva da construção da realidade em direção aos processos de objetivação, que o meio de comunicação televisivo, consegue produzir na vida diária. A presença imperiosa dos aparelhos de televisão em nossas vidas é de tal tamanho, que existe uma simbiose entre a rotina diária

dos telespectadores e a grade de programação da Tv, pois marcamos encontros e programamos atividades, de acordo com os horários dos programas. Encontramos televisores jogando imagens e mais imagens em bares, ônibus, táxis, restaurantes, lojas, em praticamente, todos os lugares em que estamos.

Desta maneira, a televisão é muitas vezes mais um elemento que mantém a nossa consciência em estado de vigília, pois em momento nenhum, são apresentados problemas que nos conduzirão ao deslocamento da consciência para fora da vida diária. Jesús Martin-Barbero nos apresenta uma boa reflexão sobre a relação entre televisão e vida diária no seguinte trecho de um de seus livros.

Na televisão, a visão predominante é aquela que produz a sensação de imediatez, que é um dos traços que dão forma ao cotidiano. (...) Na televisão, nada de rostos misteriosos ou encantadores demais; os rostos da televisão serão próximos, amigáveis, nem fascinantes e nem vulgares. Proximidade dos personagens e dos acontecimentos: um discurso que familiariza tudo, torna “próximo” até o que houver de mais remoto e assim se faz incapaz de enfrentar os preconceitos mais “familiares”. Um discurso que produz seus efeitos a partir da mesma forma com que organiza as imagens: do jeito que permitir maior transparência, ou seja, em termos de simplicidade, clareza e economia narrativa<sup>4</sup>

A ordenação do real a partir da imediatez, familiaridade e transparência, forma nos últimos tempos, uma espécie de ditadura da realidade diária, pois a vida cotidiana é agora, mais do que nunca, celebrada pela televisão, uma vez que a criação de programas, cujos personagens ou participantes são expostos diariamente e a cada segundo, em casas repletas de câmeras.

Os *reality shows*, nome desse tipo de programação televisiva, representam a tentativa máxima de controlar a realidade e, ao mesmo tempo, estabelecer determinados valores como sendo impossíveis de serem ultrapassados. O “Big Brother” é programa modelo deste gênero. Neste programa, a busca do prêmio pelos participantes, o clima de disputa e o desejo louco de conseguir ser famoso, formam um olhar simétrico e familiar em relação à postura exigida pela constante luta diária pelo sucesso, que numa sociedade capitalista, significa estar sempre em competição.

A preocupação de mostrar o que “realmente” está acontecendo com os participantes deste tipo de programa é o maior indício de que existe de fato a intenção estratégica de nos prender na realidade defendida pelos valores

---

<sup>4</sup> MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações.

neoliberais. Ou seja, por trás da proposta dos *reality shows* há seguinte máxima: não existe outra alternativa para estarmos neste mundo sem passar por cima de qualquer pessoa que esteja em nossos caminhos, nos impedindo de conseguir dinheiro e fama. Então isso, funciona na estrutura dos *reality shows* na forma da escolha do grupo de participantes, na qual encontramos a seleção de diferentes tipos de pessoas, de grupos sociais e localidades. Em outras palavras, não importa o grupo étnico, a classe social ou opção sexual, pois todos são iguais diante do desejo de enriquecer, todos são igualmente interesseiros e mesquinhos no dia-a-dia.

Entretanto, não devemos esquecer que as regras do jogo configuram os processos de intersubjetividade conforme a imposição de eliminar semanalmente um dos membros da casa. Isso permite o surgimento de uma série de intrigas, acordos, formação de grupos de interesse, que se assemelha e muito, às relações sociais que muitas vezes enfrentamos em nossos ambientes de trabalho. Não é nem um pouco difícil perceber que ocorre a disseminação da idéia de que a vida é assim mesmo, e que apenas devemos fazer o máximo para atingir os nossos objetivos e sonhos individuais.

Seguindo esse princípio, forma-se um tipo de olhar entediado no qual tudo é naturalizado e familiarizado. As imagens de diferentes culturas ou do passado, são descontextualizadas e reordenadas pelo processo de seleção do sistema de comunicação de massa, diminuindo a capacidade de provocar a reflexão e o questionamento. Além disso, esse olhar objetivo consegue criar algum tipo de sentido para o turbilhão de imagens que recebemos diariamente.

Como o cineasta Wim Wenders afirmou no documentário “A janela da Alma”, a maior parte das imagens que assistimos está fora de seu contexto e não tem a intenção de nos dizer algo, mas sim, de nos vender alguma coisa. Entretanto, Wenders afirma, que os seres humanos têm a necessidade de que as coisas lhes comuniquem um significado, por isso nos interessamos por histórias de qualquer tipo de temática. Pois, através de histórias, encontramos a agradável sensação de conforto e segurança, ao nos depararmos com os sentidos criados pelas estruturas destas.

#### 4.2 Intersubjetividade em realidades alternativas: práticas leitoras coletivas realizadas em “províncias de significado”

A questão da criação de sentido através de histórias em meio de um contexto no qual, muitas vezes, não se consegue facilmente chegar a uma compreensão satisfatória, nos leva para o segundo movimento, pois aqui, pretendemos abordar os mecanismos intersubjetivos usados para se elaboraram significados para as histórias lidas e assistidas coletivamente. A intersubjetividade é o que permite que a vida diária receba o status de realidade por excelência, mas também, pode-se trabalhar em outras esferas da realidade tais como as produzidas pela literatura, pelo cinema e teatro. Entretanto, queremos entender o que ocorre quando coletivamente construímos sentidos para histórias, filmes ou peças e os efeitos que isso pode ter em relação à ordenação imposta pela vida diária.

Nessa minha leitura da realidade cotidiana considero que existem outras realidades paralelas nas quais nos é permitido produzir significados para tudo que produzimos e vivemos. Isso é o que Gilberto Velho chama de províncias de significado. Desta forma, não estamos vivendo essa realidade cotidiana de forma alienada e solta, mas sim, estamos transitando diariamente por vários espaços intersubjetivos que nos auxiliam a lidar com a super complexidade de nossa sociedade. A mídia, com os seus processos de seleção e significação e construção de realidades, nos apresenta um grande mapeamento, ou melhor, um decalque, usando uma terminologia de Deleuze e Guattari, que nos permite a criação de outros processos de seleção e significação, nos limites desta dita realidade do dia-a-dia. Entretanto, os sujeitos que vivem na sociedade não são marionetes dentro da relação sociedade e mídia, nem simples objetos sem nenhuma reação, idéia próxima da interpretação de Adorno no conceito de indústria cultural. Desta forma, os decalques da mídia são transgredidos por leituras e ações das diversas províncias de significado que existem numa sociedade complexa.

Pretendo, agora, apresentar um exemplo de relações intersubjetivas que ocorreram entre dois grupos de pessoas que assistiram um mesmo filme. Um dos grupos, já constituía uma comunidade interpretativa ou uma província de significado, pois era composto por alunos de um curso pré-vestibular comunitário em Vila Isabel, que já estava há quase um ano realizando encontros de leitura semanalmente. O outro, foi formado por alunos de graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que nunca tinham se encontrado antes, e estavam

participando de um evento, que criei junto ao Centro Acadêmico de História, no qual filmes eram exibidos e debatidos.

O filme em questão é o primeiro da trilogia de ficção científica, *Matrix*<sup>5</sup>. Esse filme teve um grande sucesso mundial e o seu tema central é muito próximo dos temas desenvolvidos neste capítulo, pois o filme mostra que a humanidade do final do século XX vive, num mundo imaginário, construído por máquinas de inteligência artificial que atuam no futuro, próximo ao ano de 2199. Na verdade, então, os seres humanos estão com os seus corpos presos às máquinas no futuro e passam a viver vidas simuladas no fim do século XX, a partir de construção artificial da realidade, feita pelas máquinas, que é chamada de Matrix. Desta forma, esse filme mistura um tipo de história que é comum ser encontrada nas atuais Histórias em Quadrinhos para adultos, com citações de histórias clássicas da literatura, como é o caso, de *Alice no país das maravilhas*. Além disso, encontramos nessa história citações, à teorias contemporâneas sobre a mídia, como a obra *Simulações e Simulacros* de Jean Baudrillard e de teorias sistêmicas e construtivistas.

Abordo primeiro a recepção pelos alunos da UERJ. Esse encontro ocorreu em março de 2001 quando eu, a pedido de amigos que estavam atuando no Centro Acadêmico de História (CAHIS), realizava semanalmente sessões de exibição e debates de filmes. Desta forma, nesse evento o grupo era formado por 19 pessoas de diferentes cursos, pois nós divulgávamos a sessão em toda a universidade. Assim, se criou uma situação de recepção coletiva em que a maior parte nunca havia participado. A escolha do filme foi por mim, que estava muito impressionado com o número de debates e leituras que esse filme havia suscitado nas pessoas de meu convívio.

Para a atividade, resolvi digitar certas partes dos diálogos entre o personagem principal, Neo, e o seu guia na missão contra as máquinas, Morfeu. Antes da exibição fiz uma apresentação do evento, afirmando que era interessante criarmos um espaço, no qual os alunos da universidade assistissem e debatessem filmes, curtas e outros produtos culturais. Logo em seguida, iniciamos a exibição.

---

<sup>5</sup> *The Matrix*. Produção: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver. Distribuição: Warner Bros. EUA, 1999.

No momento do debate, distribuí partes de diálogos do filme transcritas e pedi para as pessoas apresentarem as suas opiniões. Para a minha surpresa, logo a princípio, ninguém se manifestou. Depois de algum tempo, um rapaz, estudante de Ciências Sociais resolveu falar, afirmando que era interessante, como certos filmes de Hollywood conseguiam criticar o que eles mesmos afirmam. “*Matrix* é muito próximo do que os produtores de filmes americanos pretendem fazer com todos nós expectadores: colocar-nos numa vida irreal. E no final das contas, indo aos cinemas e dando dinheiro para eles, a gente apenas dá o combustível para seu sistema capitalista.”

Essa fala permitiu que o debate fosse deslocado para a questão do capitalismo, *Matrix* e utopia. Uma moça do curso de química, afirmou que é impossível vencer o sistema e não fez nenhuma observação sobre o filme. Desta forma, percebi que era o momento de ler as frases que retirei dos diálogos do texto, pois estávamos presos num velho clichê, que afirma que não adianta questionar o sistema pois ele sempre será dominante. Neste momento, digo que era interessante, para continuarmos a discussão, a leitura do seguinte trecho, que é a fala de Morfeu para Neo. Assim Morfeu diz:

Morfeu - *Matrix* está em todo lugar. A nossa volta. Mesmo agora, nesta sala. Você pode vê-la quando olha pela janela ou quando liga sua televisão. Você a sente quando vai para o trabalho, quando vai à Igreja, quando paga seus impostos. É o mundo que foi colocado diante dos seus olhos para que você não visse a verdade.

Neo – Que verdade?

Morfeu - Que você é um escravo, Neo. Como todo mundo, você nasceu num cativeiro e nasceu numa prisão que não consegue sentir ou tocar. Uma prisão para a sua mente.<sup>6</sup>

Uma aluna do curso de história disse que esse trecho demonstra como a *Matrix* é semelhante ao sistema capitalista, e esse trecho, parece muito com a idéia de Marx sobre o que é ideologia. O rapaz de Ciências Sociais que fez o comentário inicial, concordou com ela, considerando que essa parte do filme é equivalente à divisão entre um mundo material e um mundo da ideologia dominante, que mantém o homem explorado. Nesse momento, observei que os dois falavam de uma forma mais próxima e, ao mesmo tempo, bem diferente da fala da aluna de química.

---

<sup>6</sup> Trecho do filme *Matrix*.

É nesse momento, que a aluna de química, volta a falar e diz que não sabe porque existe esse papo de capitalismo, pois o negocio é viver bem sem ter grandes problemas. E ainda completou: “para que temos que nos preocupar se o cara é capitalista ou não, se existe ideologia ou não, isso não dá comida para ninguém”.

Logo em seguida, um outro rapaz de comunicação social disse a frase que escolhi para fazer parte do título desse capítulo: “Eu concordo com ela, qual o problema de ser um escravo?”. Confesso que essa frase me irritou muito e, ao mesmo tempo, frustrou momentaneamente todas as minhas expectativa de desenvolver um amplo debate sobre várias questões abordadas no filme. E assim, ele continuou dizendo, com um ar irônico: “ Poxa, seria ótimo ser um escravo de máquinas e viver uma vida legal num país rico como os EUA. O que é muito interessante nesse filme, são os efeitos especiais. Esses caras gastaram muito dinheiro nesse lance, mas também ganharam muito dinheiro depois. Mas digo mesmo, esse papo-cabeça não serve para nada, e o que interessa é dinheiro. Sendo assim, ser escravo é legal”.

Isso visivelmente também irritou muito o rapaz do curso de ciências sociais e a moça de história, que se manifestaram balançando a cabeça em sinal negativo. Em seguida, o estudante de Ciências Sociais, na mesma forma irônica, replicou : “Realmente ser escravo é muito bom, é maravilhoso”. Percebi que o debate estava, naquele momento, preso num conflito entre esses quatro participantes, fazendo com que os sete restantes ficassem calados, pois, após a exibição do filme, oito pessoas saíram. Procurei, então, deslocar para as imagens do filme, na tentativa de explorar uma área muito familiar a todos, a recepção de imagens.

Um aluno do curso de matemática, fez a observação de que em *Matrix* as velocidades das imagens são alteradas para que tudo fique mais lento e assim possamos observar todas as ações. Isso significa, que esse não é um filme de ação comum, daqueles em que basta a gente ficar olhando as várias imagens de ação, sem precisar pensar. Em *Matrix*, somos a toda hora levados a considerar, que as imagens e as ações parecem como aparentemente reais, mas na verdade não passariam de criações da *Matrix*. Aproveitando o comentário sobre imagem, tentei fazer uma provocação ao grupo, perguntando porque Neo, no final do filme entrou no corpo do seu inimigo, agente Smith, e em seguida o explodiu.

Nessa hora, um aluno do primeiro período de história, que até aquele momento, não tinha participado do debate, interpretou aquela imagem como significando que Neo entra nos códigos formadores daquela imagem de homem, vestido de terno e com arma na mão, e assim ele desfaz os códigos, formando uma explosão e o desaparecendo com aquela produção da Matrix. Mas essa fala, não produziu nenhum comentário, e parecia que os participantes não queriam debater mais nada sobre o filme.

Desta maneira, terminei a atividade agradecendo a participação de todos, e perguntei, se a atividade tinha sido interessante ou não. A aluna de química, que participou do debate manifestando-se contra a interpretação dos colegas que associaram a Matrix ao capitalismo, disse que esperava que eu fizesse uma palestra e “não esse negócio de cada um falar o que entendeu do filme”. Um outro rapaz, que não tinha participado do debate até aquele momento, afirmou, em concordância, que esperava uma palestra e que eu apresentasse uma interessante interpretação do filme e mais informações sobre a história da sua elaboração (*making-of*). O mesmo foi dito pelos alunos de história, que também falaram que seria melhor o meu comentário sobre o filme, do que ter aberto espaço para aquelas opiniões reacionárias.

Resumidamente, concluo que, naquele encontro não foi possível estabelecer uma considerável troca de idéias, pois as falas de cada participante pareciam não ser consideradas relevantes para os outros. Não conseguimos estabelecer as mínimas condições para formação de consensos temporários, nem mesmo um ponto de partida para o desenvolvimento de recepção coletiva. O que esse grupo tinha em comum, era o fato de todos serem estudantes de uma universidade pública brasileira e só.

Na intenção de construir uma comparação, cito agora um encontro de leitura que realizei com os alunos do pré-vestibular comunitário, no qual exibimos o mesmo filme da atividade descrita acima. Desta forma, creio que o processo de recepção, nesse encontro, foi diferente, devido ao fato desse grupo ser uma comunidade interpretativa que realizava atividades de leitura há pelo menos 4 meses, e tinha o hábito tanto de interpretar, quanto agir coletivamente.

Esse encontro ocorreu em maio de 2002, no curso pré-vestibular de Vila Isabel, como atividade de encerramento do trabalho semanal de rodas de leitura. Naquele momento, muitos alunos do ano anterior, já haviam criado

autonomia de estabelecer os textos ou filmes que seriam debatidos nos encontros. Por essa razão, para a atividade seguinte, pedi para Cassius, um dos mais alunos participantes alunos do ano anterior, que coordenasse a leitura do filme *Matrix*.

A atividade ocorreu com um conjunto de 13 alunos do curso, sendo que três eram do ano anterior, Cassius, Roberta e Glauber. Desta forma, Cassius dividiu as atividades entre dois encontros, sendo que o primeiro foi apenas a exibição do filme e o segundo foi a discussão.

Dos dez alunos novos que participaram da atividade, apenas dois não tinham assistido o filme antes. Todos tinham assistido esse filme em casa, quando uma emissora de rede aberta de televisão o exibiu. Assim assistiram *Matrix*, o primeiro filme da série de três, e retornaram no sábado seguinte, para o debate coordenado por Cassius. Esse grupo é formado por sete moças e seis rapazes, com a idade média entre 19 e 21, anos sendo que apenas uma moça, tinha na época 28 anos. Devo destacar, que esse grupo faz parte de um conjunto de estudantes do pré-vestibular, que tinha condições para participar dessa atividade aos sábados, pois a maioria, trabalhava ou tinha obrigações domésticas, como no caso de muitas alunas que são também donas de casa.

Havíamos lido alguns textos que escolhi, tais como: o poema “Eu etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade, “O espelho”, de João Guimarães Rosa, e outros. Por essa razão, o grupo já tinha se familiarizado com a dinâmica das rodas de leitura, e também, assimilado a convenção de polivalência, o ponto estruturante da atividade. Assim como, o grupo que estranhou a possibilidade de se obter vários resultados recepcionais para um mesmo produto cultural (texto, filme, peça e outros), esses alunos apresentaram o mesmo estranhamento.

No segundo encontro, destinado ao debate do filme, estavam todos reunidos. Eu, neste momento, fiquei como mais um participante. Cassius iniciou o debate falando que estava contente por comentar novamente um filme que tem muitos assuntos para se discutir. Ele começou perguntado para as pessoas se gostaram do filme. Todos responderam que sim, e um rapaz, apontou que tinha muitos detalhes que ele não tinha percebido na primeira vez que assistiu. Cassius perguntou como eles entendiam aquela imagem, de vários seres humanos separados individualmente, dentro de inúmeros casulos, que formam campos de fonte de energia para a *Matrix*.

Gisele, uma aluna que entrou no curso em março, disse que aquela imagem a fez lembrar da situação em que o casulo vira uma borboleta, ou seja, os humanos estavam condenados a ficar a vida toda na condição de casulo, e nunca se tornariam borboletas. E a missão de Neo e Morpheu é tornar as pessoas livres. Roberto, um outro aluno disse: “Continuando com o que a Gisele falou, eu vejo que a Matrix é muito parecida com o que vivemos, porque depois que eu vi o filme, passei a achar que tudo na nossa realidade é completamente controlado por alguém ou algo, e que nós estamos em casulos, presos ao status de comprar coisas, de ser pessoas de certo tipo e nunca nos sentimos livres”.

Nesse momento, Cassius fala que, a seu ver, essa cena significa que nós estamos dormindo dentro de nosso individualismo, nos iludindo com sonhos de consumo, de poder e vaidade, e isso tudo, é criado por um sistema social que atua como a Matrix. Sua interpretação é muito parecida com as leituras de Gisele e Roberto. Ao mesmo tempo, escuto José comentando com Marcelo, ambos alunos, que era muito interessante encontrar várias ligações a partir de uma cena só.

Em seguida, Marcelo fala para o grupo sobre a sensação de desespero que a cena lhe trouxe, e como ele identificou-se com estas cenas do filme. Ele ainda afirmou nunca ter visto isso de forma tão clara e o quanto, tal controle, se mostra presente na vida de todos. Outra imagem, que chamou a atenção de Marcelo: a cena na qual Neo foi interrogado pelos Agentes da Matrix, e a sua boca desaparece, ficando apenas sua pele no lugar e completamente impossibilitado de falar e respirar. Segundo esse aluno, tal imagem o fez lembrar de muitas situações em que ele e vários amigos, moradores da comunidade, eram abordados pela polícia na rua, quando retornavam de festas à noite. Os policiais muitas vezes os agrediam e tiravam as suas roupas e as jogando-as no chão, e eles não podiam falar nada, para não sofrer mais agressões.

Acredito que o trabalho que realizamos desde o início daquele ano, onde lemos vários poemas e exploramos metáforas e outras figuras de linguagem, fez com que muitos desses alunos passassem a buscar significados para as imagens e símbolos no filme. Assim, aponto isso como uma característica desta comunidade interpretativa, a preocupação de explorar os significados de metáforas e símbolos.

Além disso, conforme nos apresenta a fala de Marcelo, acima citada, o tema da discriminação social contra trabalhadores e moradores de uma comunidade de baixa renda, está sempre presente nas interpretações deste grupo. A reação espontânea de todos os outros participantes, em sinal de concordância, com a comparação feita entre a imagem de tortura ao personagem do filme e o tratamento dado pela polícia a eles, confirma a existência dessa base de experiência em comum, que facilita a formação de uma comunidade interpretativa.

No encontro seguinte, realizamos mais uma atividade coordenada por Cassius. Ele, como fez no ano anterior, exibiu as gravações que fez da “Casa dos artistas”, apresentando para o grupo os três textos que escolheu para a atividade: “Fulano de Tal”<sup>7</sup>, “O império das lentes”<sup>8</sup> e “À Televisão”<sup>9</sup>. Esses textos foram selecionados de uma prova de interpretação do vestibular da UERJ.

Afirmo que essa situação representa ações de manutenção de algo considerado positivo nos processos de auto-reprodução daquele sistema social. Pois Cassius, era um aluno antigo do curso, que realizou uma atividade de interpretação híbrida entre tipos de produções culturais completamente distintos, e refez para um novo grupo de alunos do curso, o sentido da prática leitora. Sendo assim, a produção de sentidos desses produtos culturais se mistura com as ações de se construir um sentido político para o grupo, através do estudo e desenvolvimento da capacidade crítica e da atuação política.

A articulação entre os elementos da atividade foi perfeita, fazendo com que o grupo, percebesse que existem formas muito distintas para se realizar a recepção de programas televisivos, que geralmente são visto conforme aquele olhar naturalizado e entediado, que comentamos anteriormente. Destaco também, que nessa atividade, já existe a intenção de projetar as ações de recepção coletiva para ativar o caráter político de tal ato.

A atividade começou com a leitura e discussão dos textos. Cassius, leu os três textos e em seguida fez a exibição do *reality show*. Desta forma, os participantes realizaram uma leitura do programa, usando várias idéias apresentadas nos textos.

<sup>7</sup> FLUSSER, Vilém. *Ficções filosóficas*.

<sup>8</sup> BUCCI, Eugênio. O império das lentes. In: Veja,

<sup>9</sup> PAES, J. P. Televisão *Prosas seguidas de odes mininas*.

Marcelo iniciou o debate falando que esses programas fazem sucesso, porque nós estamos viciados em acompanhar a vida de pessoas famosas ou de pessoas que tentam se tornar famosas. Por essa razão, os textos nos ajudam a perceber que nada acontece nos *reality shows* de forma espontânea. Tudo acontece como nos fala o texto “O império das Lentes”, se numa simples filmagem em casa, as pessoas representam papéis montados, imagine um programa de televisão, que precisa ter audiência alta todos os dias.

Gisele, continuando a fala de Marcelo, diz que, às vezes, ela se sente sufocada com tanta imagem, vendo tanta gente sendo filmada e outros assistindo tudo: “esse negócio de “Casa dos artistas” e “Big Brother” só aumenta isso. Muita gente quer sair do anonimato de qualquer jeito, parece que todo mundo está maluco com isso, ninguém pensa ter uma vida normal, todos querem fazer plástica e aparecer na capa da revista”. Ela ainda nos fez observar que agora, os telespectadores acompanham todos os bastidores das empresas de entretenimento e suas disputas, pondo fim à magia que antes existia, porque até o que vai acontecer na novela, nós sabemos antes.

A idéia de que não precisamos do mundo, porque a televisão nos fornece tudo, foi o ponto que o aluno Roberto resolveu destacar. Ele disse que o mundo da informação e da mídia, está tomando conta de nossas vidas, ao ponto de criar uma vida paralela, como no caso das máquinas do filme *Matrix*<sup>10</sup>. “Assim a gente entende que um programa que se apresenta como real é uma grande mentira, certas imagens são escolhidas, certas pessoas são escolhidas e tudo é pensado”. Além disso, ele faz um relato de sua experiência enquanto telespectador dizendo que, quando era adolescente, sonhava em ser uma celebridade da televisão e esse sonho era sempre interrompido com a lembrança de sua aparência. Ele continuou o seu relato afirmando que essa auto-imagem negativa, permaneceu na sua vida por muito tempo e que somente agora com as aulas e palestras do curso pré-vestibular, foi que ele percebeu como a idéia do feio ou bonito é uma construção. Esse relato desencadeou outras falas, que giram em torno da questão da beleza física e da televisão.

Resumindo, afirmo que as falas dos participantes se referiam ao problema de se sentir feio, sem dinheiro e fora da moda, ao assistir certos

<sup>10</sup> Achei interessante a semelhança entre essa observação e a idéia de J. Braudrillard de que a mídia eletrônica cria um mundo de simulacros que substitui o mundo real.

programas de televisão. Cassius tomou a palavra e fez uma observação importante, ao dizer que existe um filtro da realidade em nosso país, para se criar o mundo da televisão. Por isso, continuou seu ponto de vista, a partir da observação de que pessoas que não têm dinheiro, que vivem nas periferias, que são negras e mulatas, não aparecem toda hora na televisão. José, um outro aluno, confirmou essa explicação de Cassius, dizendo que sempre teve a sensação de que não era ninguém ao assistir televisão, pois todos são bem vestidos, bonitos, com dinheiro e respeitados, e ele nunca teve nada disso<sup>11</sup>.

Gisele retornou a fala e afirmou, que o exemplo mais claro dessa exclusão, é o caso dos negros nas telenovelas brasileiras. Segundo essa aluna, a partir das novelas que ela assistiu, os negros geralmente têm a função de serviçais, raramente são médicos, ou advogados, mas sim porteiros, mordomos, presos, capatazes, bandidos, bêbados e qualquer atividade não valorizada. Na verdade, para ela, o sentido de negros e pobres somente aparecem na época do carnaval, ou quando tem guerra e tragédia nas comunidades.

Roberto voltou a falar, agora se referindo à gravação do programa a Casa dos Artistas, onde havia um negro, o cantor de Rap, chamado X, que servia ali, para demonstrar que o programa não é racista. O mesmo, segundo ele, acontece com o Big Brother Brasil onde sempre tem um negro, para o programa não ser classificado como racista. Continuou lembrando o que a sua colega Gisele tinha falado, minutos antes. “Concordo com Gisele, hoje em dia, com esse negócio de programas sobre as celebridades e também revistas, eu me sinto muito triste ao ver essas coisas, porque aparece todo mundo com grana e bonito. Eles parecem uns deuses, aí a gente começa a se sentir um zero à esquerda.”.

José volta a falar, abordando o problema de que não adianta ser cantor Rap de protesto, e fazer parte de programas daquele tipo. Isso porque, segundo o seu olhar, um cantor de Rap como o X, tem que agir junto com a sua comunidade e não servir de motivo de piada para esses programas. “O nosso mundo é esse aqui, todo mundo trabalhando junto com humildade, como aqui, no curso que todo mundo está crescendo, e não é aquele mundo lá da televisão, em que a gente só aparece como sendo um macaquinho de circo.”

---

<sup>11</sup> Nesse momento identifiquei uma relação de alteridade a partir de recepção, nesse caso o próprio telespectador se encontra identificado como sendo o Outro de uma determinada cultura.

Cassius tomou a palavra novamente, afirmando “devido a distância que esse mundo da mídia tem conosco é muito importante realizarmos trabalhos de leitura como esse, porque é possível encontrar textos e filmes diferentes que nos faz sentir bem, nos faz ficar com a cabeça boa. Agora, estou lendo muito mais do que antes, e aquela sensação de se sentir inferior desaparece. Ao contrário, me sinto mais confiante e curioso para descobrir coisas novas.”

Os processos de interpretação coletiva e os consensos intersubjetivos fizeram com que esse grupo de jovens construísse sentidos para os produtos culturais, que eles estavam habituados a encarar de forma mais comum. Eles transgrediram o modelo de recepção efêmero e passivo, a que somos conduzidos, diariamente para formar um movimento interpretativo-crítico em direção à realidade diária. Isso ficou muito nítido, quando eles desviaram a leitura do filme *Matrix*, da questão da construção da realidade feita pelas máquinas, para abordar as formas em que construímos nossas realidades, valores e culturas.

Outro ótimo exemplo é a leitura, mediada por Cassius, do *reality show* “A casa dos artistas”. Aqui todos os mecanismos que configuram o que chamamos de ditadura da realidade, foram dissecados pelas construções intersubjetivas do grupo. Sendo assim, a normalidade e familiaridade diante do *reality show*, na qual só havia a preocupação de ver discussões, cenas de namoro, nudez e intrigas criadas pelo jogo, são substituídas por um olhar sutil, que consegue perceber nas entrelinhas os significados das ações, reações e principalmente das imagens do programa de televisão. Além disso, todas as interpretações foram baseadas no princípio de que o *reality show* não apresenta o real, mas sim, o resultado de uma construção, de uma criação. Ao mesmo tempo, a experiência de participar de um movimento social também influenciou o caráter coletivo da atividade, pois a dinâmica desta, é muito semelhante ao perfil das assembleias que eles realizam para determinar certas decisões e consensos.

Comparando com a prática leitora sobre o filme *Matrix*, realizada na Uerj, afirmo que a diferença é que o grupo de leitores conseguiu formar uma comunidade interpretativa, devido à semelhança de experiências de vida e de projetos. O fato de que o grupo de alunos do pré-vestibular comunitário, seja formado por pessoas que participam de um movimento social, contribuiu para uma maior possibilidade de ações no plano coletivo.

Por outro lado, o grupo de alunos da UERJ não era uma comunidade interpretativa, pois não compartilhava de nenhuma experiência anterior; todos só se encontraram devido ao evento. A ausência de ligação entre eles, possibilitou a formação de atitudes individualistas. Cada um estava preocupado com a sua própria opinião ou em assistir uma palestra sobre o filme. Identifico também, a influência dos valores individualistas nas posturas da maioria dos participantes da atividade. A irritação de alguns participantes diante da leitura de perfil mais sociológico, e a tentativa de impor a defesa de valores conservadores, foi o exemplo mais claro disso.

Essa situação pode ser considerada como um indício dos efeitos das estratégias disciplinadoras de um modelo de educação e sociedade, projetadas e executadas, desde o governo militar. Isso porque, percebemos que num grupo de universitários, houve a nítida resistência ao exercício da interpretação, e ao mesmo tempo, da interação com os outros colegas. Assim, a convenção de polivalência foi claramente desvalorizada, pois muitos consideraram mais importante assistir a uma palestra, com uma verdade sobre o filme, do que buscar significados para o mesmo.

#### 4.3 O olhar do estrangeiro e assimetria com a ordem social e contato cultural

As transições do debate coletivo entre as realidades produzidas pelos textos e o filme *Matrix*, possibilitaram o surgimento de um novo olhar, tanto em relação ao *reality show*, quanto em relação à realidade cotidiana. O olhar passivo e superficial foi substituído por um olhar que busca sentidos e que interage com diferentes imagens e falas, na tentativa de produzir novas compreensões. Essas características nos levam ao que Julio Diniz chama de olhar (do) estrangeiro em seu artigo “O olhar (do) estrangeiro – uma possível leitura de Clarice Lispector?”

Que olhar é esse? Em primeiro lugar pode-se defini-lo como algo ambíguo, inserido no estatuto da construção de uma identidade inversamente simétrica à ordem social. Refletindo especularmente no outro, o mesmo se indefine, se transforma em fragmentos recortados de imagens, movimentos, espaços, falas e emoções. Por se saber dividido, exilado de si mesmo, o estrangeiro olha o exterior de sua fronteira como necessidade de traduzir o visto, o vivido. Traduzir – adaptar, codificar, identificar, enfim, buscar sentido.(...) <sup>12</sup>

<sup>12</sup> DINIZ, Júlio. O Olhar (do) Estrangeiro- uma possível leitura de Clarice Lispector.

A condição de estarem coletivamente suspensos da realidade, levou os alunos a produzir “um olhar estrangeiro” em contraponto ao olhar ordenado, pelas normas vigentes. Ao compartilhar com os outros colegas um mesmo mundo ficcional, no qual as ordenações e objetivações do cotidiano não funcionam, esses jovens entram no processo de indefinição, deixando de lado o rótulo social que sempre os classificou de ignorantes e intelectualmente limitados, e vivenciam uma assimetria com a ordem social. Esse deslocamento da ordenação rotineira é tão radical, que eles passam a olhar e traduzir a realidade, mediante às mudanças de perspectiva provocadas pelos textos e o filme.

Na prática leitora em questão, houve a quebra das fronteiras que separam a recepção de textos considerados literários, o cinema e os ensaios, permitindo a formação de consensos e a exploração do caráter polifônico das realidades criadas pela ficção. Estamos, aqui, no campo da alteridade que a ficção produziu em relação ao cotidiano. A alteridade vivenciada coletivamente na leitura de obras ficcionais, forma o que Gabriele Schwab, chama de leitura como contato cultural.

Enfim, os alunos produziram um olhar estrangeiro, provocado pela alteridade entre o mundo ficcional e os rígidos códigos culturais da realidade cotidiana. Eles passaram a ocupar o entre-lugar ou o local de passagem entre as fronteiras da ordenação social, transformando o que é trivial e cotidiano, em objeto de reflexão e questionamento. O padrão cultural em que vivemos foi transgredido através de um processo diferente de ação intersubjetiva que não obedeceu às regras, porque, após o contato cultural realizado na prática leitora, os jovens buscaram olhar a realidade cotidiana de fora, tomando de empréstimo outras perspectivas.

Além disso, devemos destacar que as ações de mediação e recepção que esses alunos construíram, permitiram a transgressão de consensos estabelecidos pelos sistemas educacional, político e midiático, nos quais as pessoas devem apenas seguir as instruções dadas pela autoridade dos especialistas.

Em outras palavras, quando os alunos foram transformados em agentes de todos os estágios de elaboração e execução da atividade, eles se

perceberam como construtores de novos contextos, nos quais têm o controle e o poder de criar novos usos dos bens culturais, fora tanto de regras pré-estabelecidas pelas normas tradicionais da alta cultura, quanto das regras de consumismo muito presente na mídia eletrônica. Ou seja, eles começaram a vivenciar o espaço de transição constante, um entre-lugar, onde tudo é construído e nada é dado pronto e acabado.

Acredito que essa consciência do caráter construtivo das formas de mediação, foi associada com as ações de construção de sentidos, realizadas nas leituras. Aqui estamos transgredindo a oposição entre real e ficcional, pois as ações de construção são deslocadas do plano da interpretação para o plano das relações sociais. Ou melhor, somos levados à descoberta de que determinadas convenções configuram nossas posturas, diante de textos classificados como literários, nas quais podemos nos sentir construtores dos sentidos ou dependentes de terceiros para receber os “verdadeiros significados”. Tal descoberta, nos possibilita perceber, que também podemos construir as convenções de mediação ou os pactos de leitura que ampliam ou limitam a atuação das demais vozes e outras visões.

As experiências descritas conduzem ações sociais que rejeitam a idéia pós-utópica de que não podemos alterar a realidade já pré-estabelecida e apenas temos que aceitá-la. A partir deste caminho, outros aspectos do sistema social são também questionados, principalmente, em relação às ações políticas, pois a construção mediação, feita pelos participantes de um movimento de democratização da educação e da cultura, inclui o princípio de cooperação reconhecimento das diferenças, e não a disputa pela posse da verdade entre os membros da ação. Desta forma, as tradicionais concepções de política que afirmam a necessidade de termos líderes, partidos e instituições que nos guiem, são substituídas por concepções mais plurais que, ao mesmo tempo, propõem a descentralização do poder e abrem espaço para o reconhecimento de diversos modos de vida, de postura política e produção de arte e cultura.

Devo destacar que o presente capítulo, consiste na análise de situações que têm características muito específicas. No entanto, por estar desenvolvendo uma experiência reflexiva, passo a considerar como elemento de análise, situações que ao apresentar um número pequeno de participantes, estão no plano micro das ações sociais. As reações, os comportamentos dos

participantes e a possibilidade ou a impossibilidade, de formação do que Stanley Fish chamou de comunidade interpretativa, que foram observados nas experiências apresentadas. Somando isso, com o fato de examinar as minhas próprias ações e inserção no contexto, forma-se uma demonstração da tentativa de se construir um tipo diferente de pesquisa, que não está presa ao paradigma tradicional, tanto por não se fechar na análise apenas das obras em questão, quanto para um estudo estatístico do contexto social e das práticas culturais em questão.

Enfim, tendo em vista tais experiências de recepção coletiva de diversos bens culturais, dentro de um movimento social, estou dialogando com o conceito de culturas híbridas de Nestor Canclini, tema do próximo capítulo. Buscarei uma melhor compreensão das articulações que a literatura e a arte, em geral, podem desenvolver com a cultura e a política, através de movimentos sociais, no contexto multi-cultural de uma metrópole latino-americana do início do século XXI.